



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

KATHLEEN EVELYN ALVES DA CONCEIÇÃO
DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS
NEGRAS: Revisão de Narrativa

Brasília - DF

2021

KATHLEEN EVELYN ALVES DA CONCEIÇÃO

**DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS
NEGRAS:
Revisão de Narrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito final para obtenção
do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional
Professor Orientador: Prof(a). Dr(a).
Josenaide Engracia dos Santos

Brasília – DF

2021

KATHLEEN EVELYN ALVES DA CONCEIÇÃO

Desenvolvimento Psicossocial de Crianças Negras: REVISÃO DE NARRATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Dr(a). Josenaide Engracia dos Santos

Lo-Ruama Mendes dos Reis Santos

Aprovado em:

Brasília, 12 de maio de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho ao meu irmão Alex Alves do Nascimento (in memorian) do qual sinto uma saudade que atravessa o tempo e o plano que nos divide, que jamais será esquecido e que infelizmente não teve a oportunidade de me ver crescer e acompanhar essa etapa tão grandiosa e importante da minha vida.

Dedico também à minha avó materna Maria José Silva (in memorian) a qual não conheci em vida, mas que pude conhecer através das memórias afetivas de sua filha Marta Alves Silva que é uma mulher incrivelmente grandiosa, por mérito de seus ensinamentos e amor, e que hoje tenho orgulho em chamar de Mãe.

Do mesmo modo, dedico aos meus avós paternos Djanira Marques Leitão (in memorian) e Emanuel da Conceição (in memorian), dos quais me presentearam com a ancestralidade de nascer e me reconhecer como mulher negra.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela graça da vida, pela saúde e pela oportunidade de estar realizando esse sonho que foi alcançar a graduação nessa profissão necessária e incrível que é a Terapia Ocupacional.

Agradeço à minha orientadora, Professora e Doutora Josenaide Engracia dos Santos por ter me auxiliado nesse processo, me motivando e acreditando em mim. Tenho muito orgulho de tudo o que a senhora representa!

Agradeço à minha preciosa mãe Marta Alves Silva por todo empenho que teve na difícil trajetória de criar os três filhos sozinha, estudando, trabalhando e ainda assim sendo um exemplo de integridade, amor e dedicação. Jamais me esquecerei dos tempos difíceis que passamos, onde a senhora me ensinou sobre paciência e humildade. Obrigada por me incentivar e cuidar de mim, obrigada por me ensinar a ser justa e obrigada por me amar até quando nem eu consigo fazer isso. Essa conquista também é da senhora. Te amo.

Agradeço aos meus irmãos maternos, Katharine Nayara Alves e Maurício Júnior que a todo momento foram irmãos incríveis em apoio, amor e respeito. Por todos os ensinamentos que fizeram de mim a mulher que sou hoje e por todas as conquistas que me impulsionaram a alcançar. À minha amada tia Eunice Alves que sempre me abraçou com muito amor e carinho, torcendo por mim e pela minha felicidade. Assim como meus primos Stéphanie Alves, Lucas Alves, Bianca Alves e Ítalo Alves que sempre me prestaram apoio, carinho e muitas gargalhadas. Agradeço também aos meus cunhados, Willian Carlos, por todo o carinho e Bianca Custódio pelo companheirismo e por trazer ao mundo o presente mais bonito que eu já ganhei, que é meu sobrinho Miguel Alves o qual sou apaixonada.

Ao meu pai Onorino da Conceição e às minhas irmãs paternas, Daniele Garcez e Ingrid Rodrigues que constantemente me acolheram e acreditaram no meu potencial nessa reta final e sempre.

Aos meus amigos, Sandy Souza, Larissa Garajau, Isabel Nascimento, Patrícia Fernandes, Débora Reis, Melody Dib, Ingrid Maciel, Ana Flávia Costa, Carla Moraes, Beatriz Nascimento, Gessica Farias, Geoavana Alissa, Bruna dos Anjos, Ana Caroline Alves, Kleverson Gomes, Lucas Rios, Lucas Felix, dos quais admiro e agradeço por cada risada e abraço, companheirismo, lealdade e acolhimento em momentos de desespero. Se quem tem um amigo, tem tudo, ainda bem que tenho vocês!

EPÍGRAFE

“ Levanta essa cabeça, enxuga essas lágrimas, certo? Respira fundo e volta pro ringue. Você vai sair dessa prisão, você vai atrás desse diploma com a fúria da beleza do sol, entendeu? Faz isso por nós. Faz essa por nós. Te vejo no pódio! ” (Emicida)

RESUMO

Introdução: O desenvolvimento da criança, e em especial da criança negra, depende do contexto histórico social, pois o mesmo influencia na construção de sua identidade e de suas relações com o universo subjetivo e objetivo. Logo, a história da escravidão da população negra influencia o seu desenvolvimento e conseqüentemente a valorização da raça.

Objetivos: A presente pesquisa tem por objetivo investigar o que tem sido produzido sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças negras. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa para compreender a temática de maneira mais subjetiva e obter os dados. **Resultados:** Pode-se relacionar a desvalorização de raça em detrimento da supervalorização dos padrões eurocêtricos.

Palavras chave: Identidade Negra, Criança Negra, Desenvolvimento, Racismo.

ABSTRACT

Introduction: The development of children, and especially of black children, depends on the historical social context, as it influences the construction of their identity and their relationships with the subjective and objective universe. Therefore, the history of slavery of the black population influences its development and, consequently, the valorization of the race. **Objectives:** This research aims to investigate what has been produced about the psychosocial development of black children. **Methodology:** This is a literature review of the narrative type to understand the subject in a more subjective way and obtain data. **Results:** The devaluation of race can be related to the overvaluation of Eurocentric standards.

Keywords: Black Identity, Black Child, Development, Racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.1.1	Objetivos específicos	12
3	METODOLOGIA	13
4	RESULTADO	14
4.1	ESCOLAS E DESENVOLVIMENTO	
	14	
4.2	HISTÓRIAS INFANTIS E REPRESENTATIVIDADE	15
5	DISCUSSÃO	17
5.1	O CONTEXTO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL	17
5.2	AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS	18
5.3	O ESPAÇO ESCOLAR E SUAS ATRIBUIÇÕES	21
5.4	VALORIZAÇÃO DA RAÇA	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
7	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Antes de nos reconhecermos como indivíduos, somos submetidos a uma fase inicial de convivência e aprendizado, denominada por infância. De acordo com a teoria da aprendizagem social do psicólogo Albert Bandura, as crianças aprendem condutas sociais por meio da observação e imitação. Acredita-se também que as crianças imitam aquilo que percebe ser valorizado em sua cultura. Em geral a imitação é vista como importante no desenvolvimento da socialização, da linguagem e da cognição, mas a compreensão desse processo e de seu papel específico depende da teoria do desenvolvimento e de como inclui o ambiente social (SEIDL, 2002).

De acordo com Vygotsky (1984), o ser humano se constitui através de processos de internalização dos modos, códigos e sugestões sociais. A internalização é um processo ativo, poderoso, que possibilita que a criança vá, aos poucos, compartilhando aspectos importantes de sua cultura, ou seja, o discurso social passa a ter um sentido individual. Mais recentemente, Valsiner (2007) e Branco (2008) têm dado ênfase ao papel fundamental do afeto e das emoções nos processos de mediação e internalização das sugestões sociais presentes nos processos de canalização cultural (Valsiner, 1998), destacando a importância do afeto e dos processos de significação na co-construção do self, e das concepções dinâmicas de si (FREIRE, 2008; DA SILVA & BRANCO, 2011).

Na concepção histórico-cultural, o Self é um conceito criado por reflexão, e é dependente de um diálogo que atua nos sentidos inter-psíquico e intrapsíquico (BRUNER, 1997; DA SILVA & BRANCO, 2011). Sob uma ótica racial, Oliveira (1994) afirma que a naturalização da desvalorização das características típicas da população negra colaboram para a dificuldade da criança negra em construir uma noção de pertencimento étnico-racial positivo e, com isso, um saudável desenvolvimento e constituição de Self (OLIVEIRA, 1994; DA SILVA & BRANCO, 2011).

Mas, infelizmente, o racismo estrutural impôs no imaginário social o estereótipo de desvalorização dos atributos das pessoas negras como “feia, preta, fedorenta, cabelo duro”, iniciando o processo de desvalorização de seus atributos individuais, desde a infância, sendo os mesmos interferem na construção da identidade do adulto (ONASAYO, 2008).

A linguagem é, assim, um dos maiores meios de disseminação do preconceito étnico racial, através da utilização de termos pejorativos que, em geral, desvalorizam a imagem do negro. Outras vias importantes consistem na metacomunicação relacional (BRANCO &

VALSINER, 2004), que ocorre nas dimensões não verbais e paralinguísticas, tornando difícil a identificação das práticas sociais discriminatórias, principalmente pelas crianças. Em outras palavras, de forma muitas vezes sutil, observa-se nas interações entre as pessoas uma metacomunicação característica do que se pode denominar como um racismo velado (DA SILVA & BRANCO, 2011).

As práticas de negação e desqualificação racistas ocorrem com frequência por parte dos profissionais de educação, dos colegas e até da própria família. Diante disso, elas têm o seu processo de aprendizagem e socialização comprometidas por estigmas variados, que as fazem as pessoas sofrerem desde cedo (SANTANA, 2006).

As crianças negras, no Brasil, sofrem, ainda, com a produção e reprodução de um modelo eurocêntrico, enraizado a partir do processo histórico de escravidão e suas atualizações (CASTELAR, 2015). Ferreira & Camargo, (2011) corroboram, afirmando que nas construção de valores, a negritude ainda permanece numa posição socialmente não prestigiada. Isso ocorre por conta de todo o seguimento histórico que permeia nosso país, sobrepondo, assim, pessoas de pele branca às pessoas de pele negra.

Portanto, o desenvolvimento da criança, em especial da criança negra, depende do contexto histórico cultural que a permeia. A questão que se coloca nesse estudo é: A história da escravidão influencia o desenvolvimento psicossocial da criança negra? O racismo estrutural interfere no desenvolvimento da criança? O que tem sido publicado sobre desenvolvimento psicossocial de crianças negras?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como a identidade pode influenciar o desenvolvimento psicossocial de crianças negras, por meio de revisão de narrativa.

2.1.1 Objetivos específicos

- Entender como a identidade étnico racial da criança é expressa na escola, por meio da revisão de narrativa.
- Desvelar o modo como as significações da identidade negra das crianças aparecem nas histórias infantis.

3 METODOLOGIA

As revisões narrativas são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos (Bernardo, Nobres e Jatene 2004). Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor.

As temáticas encontradas tratam sobre *identidade negra*, *criança negra*, *desenvolvimento*, *racismo*, tendo como período de referência os últimos 5 anos (2016 a 2020). Foram encontradas teses e dissertações que apresentavam expressões usadas nos descritores, bem como resumos relacionados com o tema.

4 RESULTADOS

4.1 ESCOLAS E DESENVOLVIMENTO

Apresenta a necessidade de reafirmação e problematização dos conflitos étnico raciais. Apesar do discurso enredado pelo senso comum, uma criança negra não reconhece sua cor, seu cabelo ou outros de seus traços étnicos, por ter nascido racista. Para Bakhtin (2003), o ser se constitui na alteridade, por isso sempre reflete o outro, e sua enunciação carrega os ecos dos discursos alheios. A literatura, em razão de sua função estética e humanizadora, pode mobilizar o processo de reconhecimento e valorização do sujeito negro, uma vez que põe em evidência os conflitos étnico-raciais na escola e possibilita a ressignificação da subjetividade da criança negra. O projeto de leitura desenvolvido com crianças no ensino básico, concretizado em sequências didáticas e envolvendo obras literárias que apresentam protagonistas negros, valorizando, conseqüentemente, a história e a cultura africana e afro-brasileira. Aspecto importante, pois interfere na identidade e desenvolvimento da criança negra.

A discussão também possibilita compreender as significações constituídas por crianças negras e brancas dos anos iniciais do Ensino Fundamental I sobre as relações raciais na vivência do processo de escolarização e, a partir dessas significações alcançar nosso objetivo mais amplo: refletir sobre a Dimensão Subjetiva do fenômeno estudado. Durante as conversações discorre-se sobre as significações dos estudantes negros e brancos sobre sua vivência escolar e também nos demais espaços de sociabilidade que contribuem para a formação de cada um deles, refletindo sobre a identidade dessas crianças bem como a percepção que têm de si e dos outros. O movimento de análise realizado por meio da elaboração de Pré-indicadores, Indicadores e Núcleos de Significação nos permitiu afirmar que em seus processos de constituição, crianças brancas e negras, mediadas pelas mais diversas agências socializadoras – família, escola, espaços religiosos, dentre outros, têm acessado e internalizado elementos presentes na Dimensão Subjetiva da realidade, no que diz respeito às relações raciais, e ambos os grupos mesmo em situações socioeconômicas iguais têm vivenciado o mundo de forma muito distinta, sendo neste aspecto o sofrimento ético-político vivenciado pelo grupo negro, o que separa e coloca crianças brancas e negras com

vivências díspares. Interferindo no olhar da criança negra sobre si mesmo.

No Brasil o racismo é cultural e historicamente presente nas mais variadas esferas da sociedade e é, por vezes, silenciado, sendo praticado de forma velada, promovendo nas pessoas negras a composição de uma identidade estigmatizada, com baixa autoestima, desde a mais tenra infância, passa por situações discriminatórias e rejeições. Com o estudo de pesquisas correlatas foi possível desenhar uma trajetória bastante coerente, apontando para um referencial teórico incisivo e confiável, que encaminhou esta pesquisa a ser embasada em teorias que dissertam sobre: composição da identidade, questões raciais no âmbito escolar de educação infantil, composição da identidade na diversidade étnico-racial e do silenciamento que se estabelece diante de atitudes racistas.

Com a análise dos excertos, as informações apontaram que antes do acesso à formação, as professoras se sentiam desconfortáveis e despreparadas para comentar ou trazer para discussão as questões raciais no ambiente educacional. Parte dessa dificuldade emergia da ausência de conhecimentos sobre o assunto para tecer argumentos ou ocorrendo pelo receio de má interpretação de suas narrativas pelas outras pessoas. Identificamos também que consideraram essa formação um excelente contributo às suas reflexões acerca da temática, pois passaram a perceber as situações de racismo com maior clareza e como ele se apresenta nos contextos sociais, principalmente no ambiente educacional. Além disso, foi evidenciado que uma formação, para cumprir com êxito os seus objetivos, necessita ser ofertada com alguns requintes de estruturação como uma amplitude e um aprofundamento dos conteúdos, trazendo maior interlocução da teoria com a prática.

4.2 HISTÓRIAS INFANTIS E REPRESENTATIVIDADE

Histórias infantis podem prejudicar o desenvolvimento infantil de crianças negras, como novas histórias podem fortalecer a identidade. Nos últimos 5 anos tivemos a elaboração de várias histórias infantis que mostram a importância do reconhecimento da identidade negra desde o primeiro momento da criança no mundo.

Histórias que descrevem trajetórias, como a de Carolina de Jesus de Rosa, Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares, Barack Obama e outras representações do mundo.

Importante citar alguns livros como o clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Nessa nova versão, *Chapeuzinho* é uma menina preta e bonita da atualidade.

Um lençol de fio de infinitos fios trata da adolescência considerando a representatividade. Menina bonita de laços de fitas, meninas negras, o pequeno príncipe preto, meu cabelo crespo de anjinho. São muitos livros para criar uma memória afetiva e fortalecer a identidade dos nossos pequenos negros.

5 DISCUSSÃO

5.1 O CONTEXTO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Sabemos que, historicamente, Portugal foi o primeiro País da Europa a comercializar pessoas negras. Essa atividade cruel foi replicada de outras regiões que já exerciam essa prática, na intenção de estruturar esse comércio e lucrar com impostos das vendas.

"Milhões de negros foram brutalmente arrancados da África. Calcula-se que somente para a América, vieram mais ou menos 20 milhões de escravos. Um quinto desse total veio para o Brasil, ou seja, 4 milhões de escravos em três séculos de escravidão (de 1549 a 1859), (AMORIM, Os negros no Brasil)".

O processo de transporte dos escravos aprisionados na África começava com o acorrentamento seguido da marcação em pele, que acontecia com ferro em brasa. E então, eram transportados para o Brasil nos navios que são comumente conhecidos como navios negreiros.

Os escravos ficavam trancados no porão do navio, espaços pequenos e sem ventilação. O calor, insuportável. Além disso, a água era suja e faltavam alimentos para todos os escravos. Devido aos maus tratos recebidos e às terríveis condições do transporte, aproximadamente 40% dos negros morriam durante a viagem. Por isso, os navios negreiros eram chamados de tumbeiros (palavra referente a tumba ou sepultura). (AMORIM, Os negros no Brasil)

Quem sobrevivia ao transporte, desejava ter morrido dentro do mesmo, pois ao chegarem ao destino, eram vendidos como mercadorias e passavam a trabalhar, na maioria das vezes, nos engenhos e áreas de mineração, encarando uma jornada de exaustão, onde trabalhavam, em média, 15 horas por dia.

Se o negro parasse de trabalhar um instante ou desobedecesse a qualquer ordem, era violentamente castigado. Havia vários tipos de castigo e torturas: chicotadas, prisão em calabouço, pena de morte. Os castigos impiedosos, o excesso de trabalho e a falta de alimentação acabavam destruindo, rapidamente, a saúde do escravo. A maioria dos negros morria durante os cinco primeiros anos de trabalho (AMORIM, Os negros no Brasil).

Por anos a fio, o Brasil deu seguimento às práticas escravagistas, assumindo, inclusive, a posição de último país a abolir a escravidão. A abolição ocorreu após a Lei Áurea ser assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888.

No entanto, devemos lembrar os nomes daqueles que realmente pressionaram e assumiram a luta para o alcance do abolicionismo, em força pelos vivos e em memória dos que morreram lutando: Luís Gonzaga Pinto da Gama, Castro Alves, André Rebouças, Chiquita Gonzaga, Dragão do Mar, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Cruz e Souza.

5.2 AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS

Quando observamos a dificuldade que a população negra enfrenta na busca por direitos básicos, fica evidente a perpetuação de traços estruturados na época da escravidão e que foram neutralizados para continuarem a se propagar na atualidade. Essa afirmação nos leva às críticas ao mito da democracia racial.

Prevalece a ideia de que na interação entre brancos e negros não há conflitos, e de que negros e brancos possuem as mesmas condições de ascensão social e econômica, sugerindo, portanto, uma relação harmoniosa e igualitária. Isso mascara os conflitos étnico-raciais e alimenta a sua própria reprodução (SILVA, 2016).

Em 2012, o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), publicou um estudo no qual indicam que o racismo permeia todas as áreas da vida dos negros e indicou que o racismo no Brasil é estrutural e institucionalizado. De acordo com o relatório, os negros, no país, são as maiores vítimas de homicídios, possuem a menor escolaridade, menores salários, maior taxa de desemprego, tem menos acesso à saúde, menor expectativa de vida, ocupam menos cargos no governo e são os que mais se encontram encarcerados (SANTOS, 2019).

Aos negros sempre foi relegado o papel de escória, com autoestima prejudicada, o que os condenou a se conformar com subempregos e papéis de submissão (FRAGA, 2020). O livro *O Que é Racismo Estrutural?* Escrito por Silvio Luiz de Almeida (2018) traz uma concordância pertinente, visto que expressa o racismo estrutural como normalizado dentro das relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que de maneira astuta estabelece os fragmentos de vigilância e controle dessa população.

Uma fração dessa complexidade de fatos parte dos marcadores sociais, onde crianças negras são associadas à marginalidade, antes mesmo de saberem o que isso significa, resultando, em um dos piores desfechos, que é a morte precoce. Conforme dados publicados no Jornal Folha de São Paulo em dezembro de 2020, ao menos duas crianças são mortas pela polícia no Brasil, por dia. 69% das vítimas são negras e, ampliando os dados anuais, estima-se que em 3 anos, policiais mataram 2.215 crianças e adolescentes no país.

Embora essa problemática seja evidente do ponto de vista acadêmico, a opressão intelectual sofrida por esse grupo acaba por dificultar a identificação das violências sofridas, perpassando de forma naturalizada, de geração em geração, essas discriminações, tendo a infância como ponto de partida.

Considera-se que a valorização da identidade pessoal aconteça na primeira infância, momento em que a criança inicia a construção de sua autenticidade, que a acompanhará por toda a vida. Cavalleiro (2010) explicita que o sujeito constrói o seu eu na identificação com os elementos significativos de seu grupo social, ou seja, é no contexto das interações sociais que as crianças se percebem como parte desse meio e como são identificadas pelos outros e, assim, vão construindo sua identidade. No caso das crianças negras, observa-se que a maioria delas são forçadas a construir suas identidades a partir da desvalorização de suas características físicas e culturais (SILVA, 2016).

Expressões racistas fazem parte dessa construção distorcida de identidade, como; “encardido” “cor de sujo” “nariz de preto” “cabelo de bombрил” “cabelo ruim” “cara de bandido” “cara de marginal”. Para uma criança que está exposta a esse racismo, fica inviável a valorização de suas próprias características. Uma vez que todas essas expressões são negativas e causam o sentimento desesperador de se afastar cada vez mais dessa imagem que os outros estão fazendo dela.

Surge então a busca pelo belo ideal, onde a criança não aceita mais suas características, sendo, a mudança no cabelo a manifestação mais corriqueira das negações, sucedendo um processo doloroso de uso de produtos químicos, visando o alcance de cabelos lisos para quem sabe, ser aceita socialmente. Pois, a referência de respeito e de aceitação positiva vem da observação daquelas crianças que são seu oposto e logo, deve-se parecer com elas. Também é habitual a reprodução de falas “quando eu crescer vou fazer plástica no meu nariz”, “quando eu crescer vou fazer plástica pra diminuir minha boca”. Todas essas variáveis advêm de atitudes cruéis que levam uma criança a odiar tanto as suas características a ponto de querer se livrar delas para sempre.

Contribuindo com um breve relato pessoal, quando criança, tive dificuldade em afirmar qual era a cor da minha pele e declarava não ser negra e sim morena clara, quando submetida a fazer desenhos de autorretrato, usava a cor rosa para ilustrar a cor da minha pele e embora soubesse que meu cabelo não era liso, nutria o pensamento de que cabelos lisos eram os mais bonitos e me desenhava de forma tal.

Fraga (2020) corrobora, quando essa identidade não é construída com propriedade desde a infância, a conscientização de ser negro acontece depois de se estar com a personalidade formada e entender os fatos, mas isso normalmente é um choque, pois decorre de alguma situação de racismo ou discriminação.

Em uma sociedade como a brasileira em que o estereótipo normalizado como padrão é o europeu, o negro, seu cabelo, sua cor e outros de seus atributos físicos tornam-se estigmas nas relações mistas, e isso, torna o negro um indivíduo desacreditado, ou seja, um indivíduo julgado pelo seu estigma visivelmente perceptível e, conseqüentemente, previamente não aceito. Portanto, a criança negra, ao ter dificuldade em expressar sua pertença racial, mostra na verdade, segundo Goffman (2008), insegurança em relação à maneira como a identificarão e a receberão, porque nas relações mistas surge no estigmatizado a sensação de não saber o que os seus pares estão efetivamente pensando a respeito dele, por conseguinte, ele pode responder de forma antecipada, através de uma capa defensiva. Ou seja, o estigma traz para as interações sociais certo desconforto, principalmente para o estigmatizado que tende a afastar-se da sociedade e de si mesmo (SILVA, 2016)

O padrão branco torna-se sinônimo de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, a ideia da razão. A paz, o belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. A violência, a feiura, a injustiça, as contendas são negras. Ao branco atribui-se a cultura confundida como ilustração. Ao negro atribui-se a cultura confundida como exotismo ou permitividades (GOMES, 2001).

Outro ponto que nos leva ao questionamento é a naturalidade com que o racismo é tratado no Brasil. Uma vez que dificilmente se vê o responsável pela fala ou atitude racista assumindo o local de culpa e sendo penalizado pela violência que cometeu, mas muito provavelmente será visto acionando o mecanismo de defesa que vai mascarar tal situação como “exagero” ou até mesmo “brincadeira”. Desse modo, o racismo velado se propaga e coloca a vítima na posição de silenciado.

Quando se discute a questão do preconceito, mas de forma geral, algumas pessoas até comentam e se admitem preconceituosas com a homossexualidade, por exemplo. No entanto, se aparecer a palavra racismo quase todos se incomodam e têm sempre a frase pronta: “o

negro se vitimiza”; “hoje em dia, o racismo já não está tão forte”. Nessas falas, o que fica evidente é que hoje em dia as pessoas não querem falar para não se admitirem racistas e não terem que responder a processos (FRAGA, 2020).

Para Cavalleiro (2003) a não percepção do racismo por parte das crianças também está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema. A ausência do debate social condiciona uma visão limitada do preconceito por parte do grupo familiar, impedindo a criança de formar uma visão crítica sobre o problema. Tem-se a ideia de que não existe racismo, principalmente por parte dos professores, por isso não se fala dele.

5.3 O ESPAÇO ESCOLAR E SUAS ATRIBUIÇÕES

Considerando o contexto histórico da escravidão no Brasil, sabemos que após a abolição da escravatura, os negros não conseguiram inserção na sociedade por serem considerados incivilizados, não recebendo apoio para moradia, emprego e educação. Um fato que exemplifica isso é o 2º ato oficial de lei que complementava a Constituição de 1824, onde explicitava a proibição de pessoas negras no âmbito escolar por serem consideradas “contagiosas”. Para Góes (2015) a prática escolar foi um local privilegiado de eugeniação.

O relato feito por Ana Maria Gonçalves (2009) no livro *Um Defeito de Cor* enfatiza a complexidade das circunstâncias, uma vez que Kehinde, quando criança, foi atribuída à função de ser acompanhante da sinhazinha, filha do senhor, na casa grande, ficando à sua disposição para qualquer demanda e, somente por esse motivo, teve a oportunidade de aprender a ler e escrever pois acompanhava a sinhazinha durante as aulas na biblioteca e absorveu os ensinamentos através da escuta, já que não tinha onde e com o que realizar registros das aulas.

Já, na atualidade, existe a Lei N° 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, onde prevê o direito de estudo na categoria de ensino básico, fundamental e médio, socialmente integral.

Desse modo, compreendendo o ambiente escolar como um espaço importante na formação de personalidade da criança e de suas relações sociais, os estudiosos defendem que, por meio da interação social, a criança entra em contato com elementos que são mediadores, dos quais fará uso para a criação de processos mentais que lhe proporcionarão desenvolvimento (SOUZA. et al, 2018).

No entanto, com base nas diversas circunstâncias que abarcam as consequências sociais, entendemos que as práticas discriminatórias não se iniciam na escola, porém, de acordo com Cavalleiro (2017), é no espaço escolar que as crianças estão acessando infinitas possibilidades de interiorização de comportamentos preconceituosos contra os estudantes negros, visto que há neste ambiente um reforço à discriminação a partir de configurações diárias de relações interpessoais hostis contra negros, bem como difusão de valores, crenças e comportamentos que reforçam o racismo, o que demonstra uma omissão deste espaço de sociabilidade quanto ao dever de reconhecer a criança negra de forma positiva (SANTOS, 2019).

Para Cavalleiro (2017), a experiência escolar tem apresentado muitos acontecimentos prejudiciais aos estudantes negros, impedindo a aquisição de uma identidade positiva e conferindo a eles o lugar daquele que não é bem vindo ou aceito no grupo. Diversos estudos vêm apontando que tanto o acesso, quanto a permanência produtiva na escola tem variado de acordo com a raça/etnia da população. Sem dúvidas a trajetória escolar do aluno negro tem sido experienciada de forma mais acidentada quando comparada à dos alunos brancos, sendo assim, podemos estabelecer uma relação entre educação e desigualdades raciais no Brasil. Segundo Nascimento (2001), a discriminação racial tem sido identificada como fator de estímulo à evasão escolar e indutor de baixa autoestima entre alunos afro brasileiros, prejudicando seu rendimento escolar, aumentando a possibilidade de repetência e reduzindo sua frequência às salas de aula (SANTOS, 2019).

Para Patto (2015) pensar o insucesso escolar como produzido unicamente pelo sujeito ou como sendo consequência do contexto sociocultural em que ele se insere, atribuindo-lhe, acriticamente, a responsabilidade em relação a um fenômeno psicossocial de natureza complexa (fracasso escolar), significa subverter a ordem das coisas, recorrendo a subterfúgios ideológicos e reducionistas para legitimar as desigualdades no âmbito social (SOUSA. et al, 2019).

Não podemos deixar de citar os materiais utilizados nas instituições de ensino. Os livros didáticos sempre trouxeram personagens negros configurados para reforçar imagens negativas e até mesmo estigmatizantes desse grupo racial, contribuindo de forma explícita para a construção de um imaginário positivo do branco, induzindo as crianças a pensarem que os brancos são mais bonitos e mais inteligentes, ao passo que os personagens negros aparecem na figura de escravizados, empregados domésticos, humildes, pobres, dentre outros. Em comparação com os demais personagens, o negro, na literatura e mesmo nos livros de História, apresenta maior percentual de personagens negativos, normalmente afastado de

contextos familiares, omitindo, desta forma, experiências outras, bem como o processo histórico e cultural desse povo (SANTOS, 2019).

Dessa maneira, Cavalleiro (2001) explica que o espaço escolar não apenas reproduz o modelo de beleza e cultura branca européia predominante nos meios de comunicação e na vida social, mas também contribui para a negação das características raciais de seu grupo e fortalece o desejo de pertencer ao grupo branco.

Visto que o racismo implícito pertence ao ato de não agir em função do negro nos ambientes escolares, fez-se necessário a alteração da Lei N° 10.639 em 2003 para destinar-se à obrigatoriedade do tema “História e cultura Afro-Brasileira e Africana”, determinando também a inclusão do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” no calendário escolar.

Em uma pesquisa realizada por Cavalleiro (2017) na Educação Infantil, notam-se dois pontos críticos: falta de afetividade e silenciamento. De acordo com a pesquisa, é evidente a maneira desigual na distribuição de afeto dos professores para com crianças brancas e crianças negras no espaço escolar. Aponta ainda, que se tratando das crianças negras, a postura dos professores é pautada na troca distante, sem muito contato físico, porém, com as crianças brancas há o costume de aproximação para abraços e beijos. Foi perceptível, também, a conduta dos professores em sala de aula, frente à situações de racismo, onde o acontecimento era ignorado e silenciado.

Ao indicar para o aluno branco que sua ação não merece maior atenção, o educador acaba por legitimar atitudes racistas dentro da escola e conseqüentemente fora dela, na sociedade como um todo. O silêncio do professor colabora também para o silêncio da criança negra. Ao perceber que não é possível contar com auxílio dos professores em situação de ofensas racistas, as crianças negras ficam condicionadas a não buscarem ajuda (SANTOS, 2019).

Para se obter resultados positivos em relação às questões ético raciais, os trabalhos precisam ser iniciados na educação infantil, a fim de se evitar a formação de cidadãos preconceituosos, já que se parte da premissa de que o sujeito não nasce racista, mas se torna. Por isso, a importância em ensinar a criança a ser antirracista é fundamental para se alcançar uma sociedade mais respeitosa e comprometida com a diversidade (SILVA e PALUDO, 2011, p.5).

Dessa maneira, reconhecemos que a formação continuada de professores para a educação das relações raciais humaniza a prática pedagógica por meio do desenvolvimento profissional, da articulação entre o currículo que dita o ensinar e a parte pedagógica de como

ensinar para a diversidade, para a educação racial, baseada no amor para a construção do respeito à população negra (SILVA, 2012, p. 139). O que propõe uma educação na perspectiva walloniana, uma abordagem que valoriza a afetividade. Desse modo, a formação de professores torna-se indispensável para uma educação que valorize, reconheça e respeite as diversas culturas e as identidades existentes (FRAGA, 2019).

Considerando que a prática educacional deva ser construída “em” e “para” os Direitos Humanos, a composição de uma educação antirracista ainda se apresenta como tabu, longe de acontecer de forma tranquila e consensual, considerando que nem toda a equipe e a comunidade compreendem a importância dessa discussão. A formação continuada se estabelece nesse contexto de reconstituição do profissional de educação como peça fundamental de qualificação laboral e modificação pessoal, já que os professores se apresentam desconfortáveis e despreparados no ensino e no combate de ações que preterem crianças negras. Fazendo-se necessário que este profissional esteja disposto a se envolver na formação com desejo e disponibilidade à mudança, pois nada acontece se essa abertura não estiver estabelecida como possibilidade em sua subjetividade (FRAGA, 2019).

5.4 VALORIZAÇÃO DA RAÇA

A literatura é uma ferramenta muito poderosa que contribui no processo de desenvolvimento de uma criança. Para Dos Santos & Oliveira (2012) quando a criança ouve uma história, ela já começa a construir seu conhecimento, sendo a literatura auxiliadora pela qual a criança aprende e se desenvolve afetivamente, cognitivamente e socialmente.

No entanto, dentro dos livros literários infantis também é comum encontrar personagens de princesas, príncipes, heróis, fadas, entre outros que são importantes dentro do imaginário dos pequenos, mas que em sua maioria não permitem que as crianças afro brasileiras se sintam representadas, elas não encontram espaço para se sentirem protagonistas de uma história.

Contudo, apesar de serem recentes, existem projetos e autores que abordam essa temática voltada para mudança dessa realidade. Na obra “Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser” escrita por Lázaro Ramos (2019) tem como protagonista o personagem Dan do famoso projeto de entretenimento infantil Mundo Bitá, personagem esse que é negro e sempre aparece em contextos familiares rodeado de muito afeto dos pais e avós.

Livros como “O black power de Akin” , “O mundo no black power de Tayó” e “Histórias de princesas” são obras da Escritora Kiusam de Oliveira, e em uma entrevista publicada pela Revista Galileu (2020) a autora relata:

“Entendo que essa literatura que eu faço ajuda a criança negra a se reencontrar, a trazer esse encantamento ou reencantamento para seu corpo. Eu, por exemplo, era uma criança amada dentro da minha casa e na minha família, todos me achavam linda, diziam que eu tinha olhos lindos, nariz lindo, boca linda. Mas cheguei na escola e conheci uma negação para meu ser e minha existência, e passei a não gostar mais de mim, a querer ser diferente para poder ser tratada com maior respeito. Então, neste caso, é um reencantamento. Para aquelas crianças que cresceram em lares onde pais e mães também viveram de forma visceral o racismo desse país, sem ter alguém para orientá-las de que “isso que fizeram com você é racismo, não aceite”, aí o primeiro momento é o encantamento de se entender como negra. Nós vivemos um tempo em que a literatura tem favorecido e proporcionado momentos dignos para que as crianças negras se reconheçam e se valorizem como tal. E isso é incrível.”

O livro Amoras escrito pelo rapper Emicida (2018) mostra, através de seu texto, a importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de quem somos desde criança e para sempre. Em uma música também intitulada por Amoras composta e cantada pelo rapper, para associar o livro com a música, traz o seguinte trecho:

“Mas como o pensar infantil fascina, de dar inveja, ele é puro, que nem Obatalá. A gente chora ao nascer, quer se afastar de Alla, mesmo que a íris traga a luz mais cristalina. Entre amoras e a pequenina eu digo: As pretinhas são o melhor que há! Doces, as minhas favoritas brilham no pomar, eu noto logo se alegrar os olhos da menina. Luther King vendo cairia em pranto, Zumbi diria que nada foi em vão e até Malcolm X contaria a alguém que a doçura das frutinhas sabor acalanto fez a criança sozinha alcançar a conclusão: Papai que bom, porque eu sou pretinha também (Emicida, 2015).”

A reflexão e o diálogo com as crianças sobre as diferenças das etnias e suas características é algo primordial que deve ser trabalhado tanto em casa quanto na escola. Também é importante reforçar para as crianças que não há algo de errado com suas características físicas, demonstrando apreço e afeto, para que as mesmas consigam interiorizar essas afirmações e não se tornarem crianças e futuramente adultos frustrados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente trabalho buscou evidenciar os fatores que resultam no comprometimento do desenvolvimento psicossocial de crianças negras, considerando os contextos históricos que permeiam as relações sociais e que acabam por refletir na desvalorização da raça, efeito causado pela valorização de padrões eurocêntricos.

Pode-se constatar com essa pesquisa que parte dessa estrutura violenta vem do discurso da democracia racial que passa a imagem de que negros e brancos possuem a mesma ascensão social e oportunidades igualitárias, não existindo o racismo e suas vertentes, quando na verdade sabemos que essa democracia se trata de um mito que fortalece o racismo estrutural.

Embora reconhecendo que a criança negra experencia o preconceito nas diferentes esferas sociais e que a primeira socialização da criança ocorre na família, a qual vai apresentando os primeiros significados sociais, identificamos que o espaço escolar tem sido um ambiente reforçador dessa prática, uma vez que essa criança não encontra meios positivos de estar ali, seja por violência vinda de outros colegas, falta de pertencimento, falta de afeto dos professores ou o silenciamento dos mesmo frente a situações racistas, o que pode acabar refletindo na evasão escolar.

As relações étnicas são temas complexos, por isso se faz necessário que os profissionais envolvidos na formação das crianças sejam sensibilizados acerca da importância de seu papel, compreendendo também que o respeito à população negra e à sua cultura deve ser trabalhado diariamente e não apenas no dia da consciência negra, fazendo valer o que está previsto na Lei que prevê a obrigatoriedade de temáticas afro-brasileiras.

Para Gomes (2001), por mais avançada que uma lei possa ser, é na dinâmica social, no embate político e no cotidiano que ela tende a ser legitimada ou não.

Com base nas perspectivas abordadas nesta pesquisa, notou-se a necessidade de proporcionar experiências positivas para crianças negras, experiências essas que incentivam a construção de identidade de forma valorizada, contribuindo no processo de autoestima e de trocas sociais que podem ser auxiliadas com uma literatura que apresente protagonistas negros e histórias que valorizem suas características físicas, assim como aspectos afetivos relacionados.

7 REFERÊNCIAS

AMORIM, A.B. (2006) Os negros no Brasil. São Paulo. Adonis.

ALMEIDA, S. L. (2018) O que é racismo estrutural. Belo Horizonte. Letramento.

BERNARDO WM, Nobre MRC, Jatene FB. A prática clínica baseada em evidências. Parte II: buscando as evidências em fontes de informação. Rev Assoc Med Bras. 2004; 50(1):1-9.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm

BRASIL. Lei nº 10.639, de 20 de janeiro de 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

DA SILVA, Marcella Padilha Dantas; BRANCO, Angela Uchoa. Negritude e infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. Psico, v. 42, n. 2, p. 197-205, 2011.

DOS SANTOS, Polyana Fernandes Pereira; DE OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes. A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2012

CASTELAR, Marilda et al. Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras. Psicologia Escolar e Educacional, v. 19, n. 3, p. 595-602, 2015.

FRAGA, Rita de Cássia Marques dos Santos. O papel da formação do professor para a constituição da identidade da criança negra na educação infantil de 0 a 3 anos. 2020.

FERREIRA, R. F., & Camargo, A.C. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra Psicol. cienc. prof., Brasília, v.31, n.2. Recuperado: 11 mai. 2012.

GONÇALVES, A. M. (2006). Um defeito de cor. Editora Record.

OLIVEIRA. et al (2019) Identidade Racial: Práticas educacionais de reconhecimento e valorização das diferenças. São Paulo. Adonis.

MARASCIULO, Marília. Sociedade. Galileu, São Paulo, 25 mai. 2020. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/literatura-tem-permitido-que-criancas-negras-se-valorizem-como-tal.html>

ONOSAYO, Claudemir Figueiredo Pessoa. Fatores obstacularizadores na implementação da Lei 10.639/03 de história e cultura afro-brasileira e africana na perspectiva dos/as professores/as das Escolas Públicas Estaduais do Município de Tamandaré-PR.2008

PAULUZE, Thaiza. Cotidiano. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 dez. 2020.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/em-tres-anos-policiais-mataram-ao-menos-2215-criancas-e-adolescentes-no-pais.shtml>

SANTANA, P. M. S.(2006). Educação infantil. Em: Ministério da Educação; Secretaria da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD.

SANTOS, Sara Pereira dos. Dimensão subjetiva das relações raciais na vivência do processo de escolarização. 2019.

SILVA, Meire Helen Ferreira. Leitura literária e protagonismo negro na escola: Problematizando os conflitos étnico-raciais. 2016.

SOUZA, Ravelli Henrique; SIQUEIRA, Ana Claudia de; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO PROTAGONISTA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2018.

SOUSA, Kairon Pereira de Araújo; NOBREGA, Jefferson Machado; FREITAS, Renata Miranda de. Compreendendo o fracasso escolar como uma produção histórica e social. Revista do NUFEN, v. 11, n. 1, p. 246-251, 2019.